



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DIEGO DE SOUSA SILVA

**DO LAMPIÃO A LUZ ELÉTRICA: Transições e Impactos da
Iluminação Pública em Caruaru – PE (1895-1918)**

CAMPINA GRANDE- PB

2017

DIEGO DE SOUSA SILVA

DO LAMPIÃO A LUZ ELÉTRICA: Transições e Impactos da Iluminação Pública em Caruaru – PE (1895-1918)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: **Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio**

CAMPINA GRANDE- PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Diego de Sousa.
Do lampião a luz elétrica: transições e impactos da
iluminação pública em Caruaru-PE (1895-1918) [manuscrito] /
Diego de Sousa Silva. - 2017.
43 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque
Gaudêncio , Departamento de História - CEDUC."

1. Impacto econômico. 2. Caruaru. 3. impacto cultural. 4.
Luz elétrica. 5. Caruaru.

21. ed. CDD 306

DIEGO DE SOUSA SILVA

**DO LAMPIÃO A LUZ ELÉTRICA: Transições e Impactos da
Iluminação Pública em Caruaru – PE (1895-1918)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de graduação em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau de Licenciatura em
História.

Aprovado em: 30/11/2017



Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Adilson Filho – DH/ UEPB
Examinador



Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes – DH / UEPB
Examinador

Dedico aos meus pais por estarem sempre ao meu lado, que com carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse a essa etapa tão importante da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus Todo Poderoso Criador dos céus e da terra, por me dar força e coragem para seguir essa jornada longa e árdua, pois sem a sua ajuda, não teria tido a oportunidade de estar concluindo o curso de Licenciatura em História.

Ao meu pai José Apolônio da Silva e minha mãe Maria das Graças Farias Sousa, pela paciência, compreensão e investimentos para a minha formação acadêmica. Também a minha irmã Debora Helena, por sua grande ajuda na pesquisa de campo, pois foi de fundamental importância para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do Curso de Licenciatura em História da UEPB, que me acompanharam durante a graduação e que contribuíram ao longo do curso por meio das disciplinas, textos e debates, para o desenvolvimento não só da minha formação profissional, mas também pessoal. Agradeço principalmente ao professor Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, que tive a honra de ter como professor e orientador e responsável pela realização desse trabalho.

Aos colegas do curso, em especial à Sabrina Kele, Ana Paula, Júnior Rodrigues e Géssica Souza, pela amizade incentivo e apoio ao longo do curso.

Aos colegas e amigos de viagem que ao longo das viagens proporcionaram momentos de alegrias e descontrações. Em especial a Arthur Thomaz, Eudiane dos Santos, Girlênia dos Santos, Greisson Lima, Isabel Liz, Leidiany Barros, e Natali Lindinalva.

A minha amiga Geiysa Emanuele, por também ter ajudado na pesquisa de campo que foi fundamental para a conclusão do trabalho.

RESUMO

O objetivo é analisar o impacto econômico, cultural e social provocado pela chegada da luz elétrica na cidade de Caruaru, Pernambuco, no período entre o final do século XIX e início do século XX, mais precisamente entre os anos de 1895 e 1918. A partir das contribuições teóricas-metodológicas de Aranha (2005), Chartier (1988), Pesavento (2006) e Resende (1997) procurei analisar quais as mudanças culturais econômica e social provocadas pela implantação de certas conquistas materiais (luz elétrica) na cidade de Caruaru. Foram consideradas mudanças sociais, econômicas e culturais. A partir disso, também foi levado em consideração até que ponto “o moderno” alcançou na sociedade caruaruense a partir da temática da iluminação pública. Para realizar o trabalho foram feitos cruzamentos de diversas fontes entre elas fontes impressas, iconográficas e documentais. A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva da “Nova História Cultural”.

PALAVRAS-CHAVE: Impacto. Modernidade. Caruaru. Luz elétrica.

ABSTRACT

This research aims to analyze the cultural impact brought by the arrival of the powered light to the city of Caruaru, Pernambuco, in the period between the end of the Nineteenth century and the beginning of the Twentieth century, precisely between 1895 and 1918. Through theoretical and methodological contributions from Aranha (2005), Chartier (1988), Pesavento (2006) and Resende (1997) we aimed to analyze the economic, social and cultural changes caused by the establishment of certain material acquisitions (powered light) in the city of Caruaru. Social, economic and cultural changes were considered. It was also taken into account how far “the modern” had gone in the caruaruense society from the public illumination perspective. In order to accomplish the research several sources were used; photographic and documentary sources are among them. This work was developed from the New Cultural History perspective.

Keywords: Impact. Modernity. Caruaru. Powered light.

LISTA DE FIGURAS

Nº	Foto	PG
FIGURA 1-	Mapa de Pernambuco.	18
FIGURA 2-	Mapa do surgimento de Caruaru.	19
FIGURA 3-	Foto da Feira de Caruaru na década de 1950.	20
FIGURA 4-	Foto da Multidão esperando o trem.	25
FIGURA 5-	Lampião Elétrico.	26
FIGURA 6-	Fotografia do Prefeito responsável pela implantação da luz elétrica.	29
FIGURA 7-	Fotografia da Antiga Rua da Frente e atual Praça Cel. João Guilherme em 1905.	35
FIGURA 8-	Fotografia da Avenida Rio Branco em 1920.	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I- O MODERNO EM PAÍSES PERIFÉRICOS.....	14
1.1Experiências do “Moderno” nos Países Periféricos.....	14
1.2 Caruaru: “a Princesinha do Agreste”.....	18
CAPÍTULO II- LUZ ELÉTRICA NO BRASIL.....	22
2.1 Luz elétrica no Brasil e em Pernambuco.....	22
2.2 Antecedentes da iluminação pública através da luz elétrica.....	24
2.3 Inauguração do sistema de iluminação pública.....	28
2.4 Moderno e Tradicional.....	36
2.5 Mudança de ritmo da população caruaruense.....	37
CONCLUSÃO.....	40

INTRODUÇÃO

A cidade é feita de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens. O nosso olhar percorre suas ruas como se elas fossem “páginas escritas”, querendo adivinhar as histórias que elas escondem, traduzir a língua difícil dos sentimentos que construíram o seu cotidiano, seus tantos símbolos que os homens teimam em decifrar, como se eles pudessem ter, apenas, um significado. São tantas as suas formas e o seus emblemas que fica quase impossível classificá-las.

(Antônio Paulo Rezende)

Essa pesquisa, referente ao trabalho de conclusão de curso, foi realizada nas cidades de Recife e de Caruaru. E tem por objetivo principal analisar o impacto provocado pela chegada da Luz Elétrica na cidade de Caruaru. O recorte temporal deste trabalho vai do final do século XIX até início do século XX, mais precisamente entre os anos de 1895, ano da chegada do primeiro trem a cidade, onde ocorreu a primeira experiência com a luz elétrica até 1918 ano da inauguração do serviço de iluminação da cidade.

Este trabalho está voltado para o campo da História cultural tendo como campo temático de pesquisa da história das cidades em suas interfaces com a modernidade urbana. Diversos trabalhos já foram feitos tomando como o *locus* principal a Cidade. De acordo com Pesavento (2006, p.45), “já existe uma ampla produção acumulada sobre a cidade” principalmente produzidos em uma abordagem econômico-social. Também existem muitos trabalhos produzidos na perspectiva quantitativa, evolutiva e marxista.

A cidade é vista segundo Pesavento (2006, p.46) como “um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar”, onde trabalham nesse campo temático historiadores, geógrafos, economistas, urbanistas, antropólogos entre outros. O que irá destacar a história cultural dessas outras áreas de pesquisa que utiliza a cidade como objeto de estudo é a sua abordagem.

A História cultural conforme Chartier (1988, p.16) “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” O objetivo central desse trabalho é analisar o espaço urbano como lugar de práticas sociais e representações.

Através das diversas fontes e perspectivas vamos tentar decifrar como a realidade social foi construída, pensado pela classe política de Caruaru com a implantação de conquistas materiais (luz elétrica) na cidade. A cidade se transforma no espaço físico onde os sonhos da classe política tornam-se realidade.

O local a ser analisado será a cidade de Caruaru, a maior cidade do interior de Pernambuco. O censo de 2010 do IBGE relata que a cidade possui 314.912 pessoas. A cidade tem um papel de destaque no agreste pernambucano por possuir um polo médico hospitalar, acadêmico, cultural e turístico. A cidade é conhecida por possuir uma tradicional feira livre, uma grande festa junina e por possuir o maior centro de artes figurativos da América Latina.

O período o qual propus analisar entre o final do século XIX e início do XX, a cidade de Caruaru estava passando por um processo de modernização. Esse processo de modernização teve início com a chegada da estrada de ferro central de Pernambuco a cidade de Caruaru. A chegada do trem fez com que a cidade se desenvolva-se e trouxe grandes benefícios para cidade, ajudou no escoamento dos produtos produzidos em Caruaru e da região do agreste para o Recife, a população caruaruense passou a ter acesso mais rápido as informações do Brasil e do mundo. A cidade com o tempo se tornou uma das mais importantes cidades do interior do Nordeste.

No que se refere à divisão desta pesquisa, ela foi dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo do trabalho, tento abordar como se deu a experiência do “moderno” nos países periféricos e um pouco da história e formação da cidade de Caruaru. Já o segundo capítulo irá abordar a introdução da luz elétrica na sociedade brasileira, pernambucana e em Caruaru. Dando continuidade, o segundo capítulo irá aborda até que ponto o “moderno” chegou para a população em geral e o impacto provocado com a chegada da luz elétrica na cidade de Caruaru, na questão econômica, social e cultural.

As fontes que são utilizadas na produção desse trabalho foram as escritas (livros e periódicos) e as iconográficas (fotografias). Fontes essas que foram retiradas de arquivos e acervos localizados em Recife e Caruaru, a exemplo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, Biblioteca Pública de Caruaru e Biblioteca da FAFICA. Também foram usados acervos virtuais, como a Biblioteca Nacional, Portal da Prefeitura de Caruaru e Portal da CELPE.

CAPÍTULO I

O MODERNO EM PAÍSES PERIFÉRICOS

1.1. EXPERIÊNCIAS DO “MODERNO” NOS PAÍSES PERIFÉRICOS

A partir da perspectiva da História Cultura, vamos identificar o modo como a realidade foi construída e pensada pelas classes dominantes da sociedade caruaruense no período de 1895 até 1918. O homem será visto como o ser que constrói a sua própria história, ao mesmo tempo transformando o espaço ao seu redor.

As representações segundo Chartier (1988, p.17) são “às classificações, divisões e delimitação que organizam, a apreensão do como categorias fundamentais de percepções e de apreciação do real”. Essa representação do mundo social quando são construídas “embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupos que as forjam.”¹

Essa percepção do social não é formada por discursos neutros, são produzidas estratégias e práticas que para Chartier (1988, p.17) “tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por eles menosprezados, e legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.

O avanço do capitalismo pelo mundo de certa forma ajudou com o avanço da modernização nas cidades. As cidades de acordo com Rezende (1997. p. 31) “passaram por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da ‘verdadeira civilização’”.

As grandes cidades europeias como Londres e Paris no final do XIX e início do século XX eram marcadas por um grande crescimento populacional, por um desenvolvimento industrial, uma verdadeira revolução técnico-científico. Essa revolução técnico-científica acabou produzindo novas tecnologias como o carro, o trem, a invenção da lâmpada elétrica, entre outros inventos que acabaram fazendo parte das grandes cidades modernas e com isso mudando o ritmo de vida das pessoas.²

Londres e Paris eram vistas como modelos de cidades modernas para as demais cidades do mundo. A cidade de Paris era vista segundo Pesavento (2007,

¹ Idem.

² Para saber mais sobre o ritmo de vida das pessoas no século XIX ler Londres e Paris o espetáculo da pobreza de Maria Stella Martins Bresciani.

p.47) como “mito da metrópole exportável enquanto modelo para o mundo”. Mas afinal, o que é uma cidade moderna? De acordo com Pesavento (2007, p.47), “uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética”.

Mas afinal O que é “moderno”? Conforme Berman (2007, p.13):

Ser moderno é viver uma vida de paradoxos e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades.

Mas o processo de modernização das cidades dos países periféricos, como estavam ocorrendo nesse período? De acordo com Berman (2007, p.169), “nelas os significados da modernidade teriam de ser mais complexos, paradoxais e indefinidos.” Berman (2007, p.169) tem como exemplo a Rússia do XIX:

Onde os russos do século XIX experimentaram a modernização principalmente como algo que não estava ocorrendo, ou como algo que estava ocorrendo à distância, em regiões que, embora visitassem, experimentavam mais como fantásticos anti-mundos que realidades sociais; ou ainda, quando ocorresse no país, como algo que acontecia das formas mais irregulares, vacilantes, flagrantemente destinadas ao fracasso ou estranhamente distorcidas.

No século XIX, a cidade russa que teve segundo Berman (2007, p.170) “mais clara expressão de modernidade no solo da Rússia foi a capital imperial de São Petersburgo” o resto da Rússia era totalmente agrária. São Petersburgo representava “todas as forças estrangeiras e cosmopolitas que fluíram na vida russa”³ no século XIX.

Segundo Rezende (1997, p.32), “o Brasil não estava excluído dessas aventuras de modernidade, no seu lado de concretização das mudanças urbanas que influíam no traçado das cidades, nos seus hábitos de higiene, nos seus desejos de consumo”. Aos poucos as cidades brasileiras foram passando por esse processo de modernização.

³ Idem.

No início do século XX, a Capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, passou por um processo de modernização que segundo Belchimol (1992, p.205), ocorreu “uma luta entre dois grandes ‘Campos’ ou princípios: o progresso, a civilização, a regeneração estética e sanitária da cidade; a cidade colonial, atrasada, anti-estética, suja e doente.” Essa reforma urbana aconteceu no período do governo do Prefeito Francisco Pereira Passos⁴.

Depois do Rio de Janeiro conforme Follis (2004, p. 16), “vários centros urbanos de crescimento emergente, como São Paulo, Manaus, Belém, Curitiba, Porto Alegre e outros, passaram a adotar planos urbanísticos em sua modernização.”

Segundo Ferreira e Godoy (2016, p.95), “as reformas urbanas do final do século XIX e início do século XX reestruturaram e requalificaram os espaços centrais da cidade” do Rio de Janeiro. O objetivo da reforma era sanear a cidade para controlar a propagação de doenças e ao mesmo tempo modernizar o tráfego e a comunicação dentro da cidade.

Essa reforma que tinha o intuito de modernizar a cidade do Rio de Janeiro também serviu de acordo com Benchimol (1992, p.205), “a um só tempo, de instrumento aos interesses mais gerais das classes dominantes e aos interesses ‘particulares’ ao grande capital, diretamente beneficiado com a remodelação da cidade.”

Esse cenário de uma “cidade formigante” e uma “vida frenética” nas grandes capitais europeias não era presente ainda nas cidades do Brasil no final do século XIX e início do século XX. A cidade que mais se aproximava era o Rio de Janeiro, mas nada comparado com as cidades europeias que já possuíam uma população na casa dos milhões. Londres na metade do século XIX possuía segundo Bresciani (1982, p.22), “dois milhões e meio de habitantes” e a cidade de Paris de acordo com Aranha (2006, p.85) “ultrapassando a casa de 1 milhão”. Já o Rio de Janeiro “sequer atinge 200 mil habitantes”⁵. Comparada às outras cidades a do Rio de Janeiro era pequena.

No Norte do Brasil, assim como era chamada a cidade que mais se aproximava de uma “cidade formigante” e uma “vida frenética”, era a cidade do

⁴ Francisco Pereira Passos foi prefeito nomeado da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1902 até 1906 e foi responsável pela reforma urbana da cidade.

⁵ Idem.

Recife, mas em proporções muito menores que as cidades europeias. Recife segundo Resende (2003, p.131), “tinha, na década de vinte, uma importância regional” de destaque. Segundo Aranha (2005, p.86), era “referência urbana na maior parte do Norte, que hoje chamamos Nordeste.”

Mas Aranha (2005, p.79) enfatizou que "é impossível falar em vida moderna no Norte, no período estudado, tomando como parâmetro a idéia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais européias do período oitocentista", porque nenhuma cidade nortista tinha o mesmo porte das capitais europeias. Com essa impossibilidade de pensar a experiência urbana no Nordeste a partir dos chamados ritmos sociais, a opção é o "impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos de moderno."⁶ Essas conquistas materiais são de certos equipamentos urbanos de uso coletivo. De acordo com Aranha (2006, p.79):

Novidades produzidas ou adotadas no estrangeiro; novidades que se materializam, por exemplo, nos transportes e comunicações (sistema telegráficos, telefônicos, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistema de água encanada e/ou esgotos, sistema de iluminação pública e privada etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados a lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros.

A partir dessa alternativa adotada por Aranha para abordar os impactos provocados por certas conquistas materiais nas cidades do Norte como era chamada a região nordeste nesse período, este trabalho terá o objetivo de apresentar o impacto provocado pela chegada da luz elétrica na cidade de Caruaru, Pernambuco entre os anos de 1895, no qual Caruaru teve a primeira experiência com a luz elétrica até 1918 com a inauguração do sistema de iluminação elétrica da cidade.

⁶ Idem

1.2 CARUARU: “A PRINCESINHA DO AGRESTE”

Foto N°-1 Mapa do estado de Pernambuco com destaque para o território de caruaru



(Disponível em: <<https://www.sescepe.org.br/wp-content/uploads/2015/11/mapa-Caruaru.png>> acesso em 13 de outubro de 2017)

Essa região conhecida no início por Caruru segundo Barbalho (1980, p.180) foi “desbravada por negros quilombolas fugitivos do cativeiro na Zona da mata e posteriormente ocupado e ‘civilizado’ pela família portuguesa Rodrigues de Sá.”

A cidade de Caruaru começava a tomar forma a partir de 1681. O governador Aires de Souza de Castro⁷, oferece à família Rodrigues de Sá uma sesmaria. Essa sesmaria tinha o intuito primeiramente de desenvolver a agricultura e a criação de gado e por último, a povoação dessa região de Pernambuco. A extensão da sesmaria era de 30 léguas, local esse que ficou conhecido de “fazenda Cururu”.⁸ Conforme Barbalho (1980, p. 179):

Caruaru, em seus primeiros tempos, chamava-se Caruru, lugar do Cururu, brejo do Cururu, até se transformar na primitiva Fazenda de Caruru, dos lusitanos Rodrigues de Sá, isto já na penúltima década do século XVII.

Em 1776, “Rodrigues de Jesus⁹ decidiu voltar para a fazenda do pai, que havia passado alguns anos abandonada”¹⁰. Pouco tempo depois da morte do patriarca, a fazenda acabou ganhando uma capela que era dedicada a Nossa Senhora da Conceição, onde surgiu um pequeno povoado ao redor da igreja, povoado esse que era constituído por agregados da fazenda, trabalhadores e forasteiros.

Com “a edificação da capela e a instalação da feira semanal contribuíram muito para o desenvolvimento do aglomerado, uma vez que congregavam os

⁷ Aires de Souza de Castro governou o Estado de Pernambuco de 1678 até 1682.

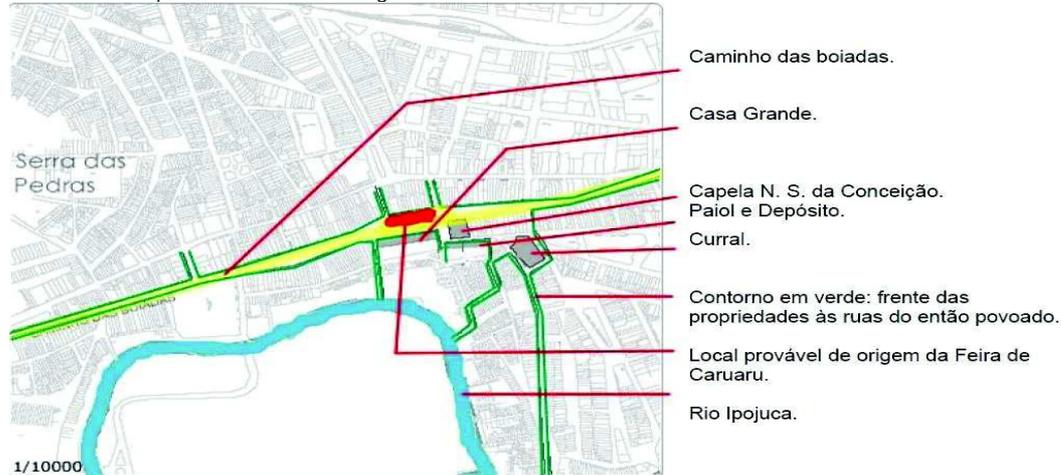
⁸ Portal da Prefeitura de Caruaru.

⁹ Filho do senhor Rodrigues de Sá que era dono da fazenda Cururu que originou a cidade de Caruaru.

¹⁰ Idem.

habitantes das redondezas para duas necessidades básicas: a assistência às práticas religiosas e às atividades do comércio”.¹¹

Foto nº2- O mapa demonstrando o surgimento da cidade de Caruaru



(Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=748192>> acesso 8 de junho de 2017)

O mapa demonstra o surgimento do povoado de Caruaru, que originou a cidade de Caruaru. Mapa essa que representa o povoado no final do século XVIII a 1820. Com o surgimento do povoado surgiram as primeiras ruas, entre elas a Rua da Conceição e a Rua da Frente ou Rua do Comércio.

O povoado de Caruaru já pertenceu a diversas unidades administrativas antes de se torna autônoma. Primeiro, o povoado fazia parte da freguesia de Santo Antônio da Vitória, depois passou para a cidade de Bezerros; depois passou a pertencer à cidade de Bonito e por último passou para a cidade de São Caetano. Em 1848, Caruaru passou a categoria de vila e sede da freguesia de São Caetano. Em 1857, a vila de Caruaru recebeu o título de cidade.

Pelo projeto nº 20, do deputado provincial Francisco de Paula Baptista, defendido em primeira discussão em 03 de abril de 1857, depois de aprovação sem debate, em 18 de maio do mesmo ano, com a assinatura da Lei Provincial nº 416, pelo vice-presidente da província de Pernambuco, Joaquim Pires Machado Portela. (Disponível em: <<https://www.caruaru.pe.gov.br>> acesso 8 de junho 2017)

A cidade de Caruaru está localizada na mesorregião do agreste pernambucano na microrregião do vale do Ipojuca. Em 2016, o município de Caruaru possuía uma população de 351.686 habitantes, sendo a mais populosa do interior de Pernambuco. Em 2015, a área total do município era 920.611 Km², sendo

¹¹ Censo do IBGE de 1957 sobre os municípios de Pernambuco.

que 16,65 km² estão dentro do perímetro urbano, o restante forma a área rural do município. A cidade fica aproximadamente à 130 km da Capital pernambucana.

O município está a 554 m acima do mar e possui dois acessos, um de forma direta que é a BR-232 e é cortada pela BR-104. Ele é cortado por dois rios, o rio Capibaribe e o rio Ipojuca, e faz fronteira pelo Norte com os municípios de Toritama, Vertentes e Frei Miguelinho; a oeste por Brejo da Madre de Deus e São Caetano; ao sul por Agrestina e Altinho; e a leste por Riacho das Almas e Bezerros.

Atualmente a cidade se destaca “como o mais importante polo econômico, médico-hospitalar, acadêmico, cultural e turístico do agreste”¹² de Pernambuco. É também conhecida pela tradicional feira livre do parque 18 de maio e o “maior centro de artes figurativas da América Latina, título esse concedido pela UNESCO”¹³ Essa história do centro de artes figurativa teve início na década de 1940, através do filho ilustre da cidade, Vitalino Pereira dos Santos mais conhecido como mestre Vitalino. Ceramista, como era mais conhecido pela produção artesanal de bonecos de barros, arte essa que passou de pai para filho e os diversos discípulos que o mestre Vitalino possuiu.

Foto nº 3- A feira de Caruaru em 1950.



(disponível em:< http://espacoavulso.blogspot.com.br/2015_06_01_archive.html> acesso 8 de junho de 2017).

Essa imagem mostra a famosa feira de Caruaru em 1950, feira essa que deu origem ao povoado que ao longo dos anos cresceu tanto que acabou se transformando em cidade. A feira é tão famosa que tem até música, “A feira de

¹² Portal da Prefeitura de Caruaru.

¹³ Idem

Caruaru”, que foi escrita pelo caruaruense Onildo Almeida e que ficou famosa na voz de Luiz Gonzaga.

CAPÍTULO II

LUZ ELÉTRICA NO BRASIL

2.1. LUZ ELÉTRICA NO BRASIL E EM PERNAMBUCO

O ano de 1879, foi marcado pela invenção da lâmpada elétrica por Thomas Edison e nesse mesmo ano foi a primeira vez que foi utilizada energia elétrica no Brasil, onde por meio das lâmpadas arco segundo Magalhães (2000, p.12) ocorreu a “iluminação da Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro”. Esse fato ocorreu ainda no período monárquico.

O período de 1880 até 1920 foi marcado pela utilização da energia elétrica no país, que foi aproveitada segundo Magalhães (2000, p.12) “primeiro, pela iluminação pública nas principais cidades; depois, pela indústria que, paulatinamente, se desenvolvia no Rio e em São Paulo”. Esse período é marcado pela modernização das principais cidades do país.

No início, foram construídas pequenas usinas no Brasil que era essencial para a iluminação pública das cidades menores, como exemplo, a cidade de Campos (RJ), em 1883. Já em uma segunda etapa, a energia elétrica deveria suprir a demanda de energia para a indústria nacional. Com a construção da Usina de Parnaíba no rio Tietê em 1901, e a construção no Rio de Janeiro da hidrelétrica de Ribeirão das Lages em 1913, foram essenciais para satisfazer a demanda da indústria nacional. Diversas outras usinas foram construídas ao longo das décadas de 1910 e 1920 para satisfazer a demanda nacional por energia.

Na Região Nordeste segundo Aranha (2005, p.115) “falar na instalação desse equipamento moderno é falar de uma experiência que só começa a tomar corpo a partir dos anos 1920.” Essa “experiência restrita às capitais e uma ou outra cidade do interior, sendo Maceió a única contar com o equipamento ainda no século XIX, mais precisamente em 1895, ali instalado através de contrato com Adriano Loureiro e Cia.”¹⁴

O primeiro sistema de iluminação pública da cidade do Recife foi inaugurado nos anos de 1850, pouco tempo depois de ser instalados em algumas cidades

¹⁴ Idem.

européias. Essa iluminação era através de gás carbônico, e a substituição da iluminação a gás carbônico da cidade do Recife só vai ocorrer no final dos anos de 1910.

Essa demora na substituição da iluminação da cidade ocorreu porque mexia com os interesses de pessoas poderosas no mundo dos negócios. Houveram duas tentativas de acordo com Aranha (2005, p. 125):

Em 1886 deu-se uma concessão ao Sr. José da Silva Loio Júnior para explorar um serviço de iluminação elétrica na cidade, mas não sem protestos dos empresários do gás (os ingleses Fielden Brothers). Não se concretizando a concessão, mais uma tentativa correu em 1895, desta vez não passa dos editais de concorrência. Portanto, mais uma tentativa frustrada. O gás ainda continua a iluminar a cidade por quase duas décadas após este último fracasso.

Outro fator que contribuiu para que a iluminação pública continuasse ainda sendo feita pelo gás carbônico foi que de acordo com Aranha (2005, p.123) “os primeiros fornecimentos dessa nova fonte de iluminação” ocorriam através de “motores que ocupavam grandes espaços”.

A cidade de Paris mesmo contando com um sistema de iluminação pública feito pela energia elétrica, o seu fornecimento não atendia a toda a cidade. A luz elétrica estava mais presente em “teatros, estações ferroviárias, magazines, repartições públicas e lojas luxuosas”.¹⁵

A cidade do Recife conhece as suas primeiras experiências com a luz elétrica ainda no século XIX. Essas experiências não passavam de casos isolados, como em casas comerciais, escritórios de serviços que possuíam motores próprios. Alguns exemplos segundo Aranha eram (2005, p. 125) “a Photographia Chic e a companhia telefônica “Bourgard”, a casa da “madame inglesa” e o Hospital Português, dentre outros, contam com a novidade desde o começo dos anos 1880.”

A distribuição de energia elétrica em Pernambuco no começo do século XX era explorada por empresas públicas e privadas. No interior do estado, os

¹⁵ Aranha Opt. Cit.

responsáveis pela distribuição eram “as prefeituras, cooperativas e o departamento de águas e energia (DAE).”¹⁶

No Recife, a partir de 1914, a empresa Pernambuco Tramways and Power Company Limited, criada através de contrato assinado no dia 14 de outubro de 1913, com prazo de 50 anos, entre o governo de Pernambuco e a firma britânica Bruce Peebles C. Limited, de Londres, começou a explorar os serviços de geração e distribuição de energia para residências, indústrias e iluminação pública.¹⁷

A eletricidade produzida pela Tramways vinha de uma usina termoelétrica, que estava localizada nas margens do Rio Capibaribe. Inicialmente essa usina produzia apenas 300 KW, e passou a produzir 3.000 KW no ano de 1917. No ano de 1955 já se produzia 20.500 KW, ano esse em que chegava ao Recife energia produzida pela hidrelétrica de Paulo Afonso. A Tramways também era responsável pelo serviço de telefone, de produção e distribuição de gás de cozinha e do serviço de bondes de Recife.¹⁸

2.2. ANTECEDENTES DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA ATRAVÉS DA LUZ ELÉTRICA

Com a inauguração do trecho da via férrea da cidade de Bezerros até Caruaru no dia 1 de dezembro de 1895 da estrada de ferro central de Pernambuco, Caruaru passou a contar com um meio de transporte mais rápido para chegar a capital pernambucana. Nesse período o transporte das mercadorias do agreste pernambucano era feito por veículos de tração animal. Barbalho (1980, p.223) relata que foi:

Um marco importante na evolução econômica e social de Caruaru foi a chegada das pontas dos trilhos da “Estrada de Ferro Central de Pernambuco”. Em dezembro de 1895, o “trem de ferro” subiu a serra das Ruças, vencendo túneis e viadutos, passando por Gravatá e Bezerros, apitou orgulhoso no Km 139 e resfolegou na estação de Caruaru. A multidão de agresteiros que foram recebê-los confiava no progresso que o trem haveria de levar à sua cidade, com o crescimento do comércio o aparecimento das indústrias, o aumento da população e a intensificação da vida social, cultural e religioso. Era os começos do novo posto que a cidade iria logo ocupar, no interior do Estado: o de metrópole regional da parte centro-sul da Borborema.

¹⁶ Portal da Celpe.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Portal da Celpe.

O ano de 1895 ficou marcado na história da cidade de Caruaru com a chegada do primeiro trem a cidade e no mesmo dia “estava programado a inauguração do serviço de luz elétrica, para surpresa dos ilustres visitantes e satisfação dos caruaruenses.”¹⁹. Mas a inauguração da luz elétrica em Caruaru se restringia ao “entorno da estação”²⁰. O restante da cidade de Caruaru ainda iria ser iluminada a base dos lampiões alimentado por “azeite de peixe”²¹ por um bom tempo.

Foto N° 4 Multidão aguardando o trem- Estação de Caruaru -1895



Disponível em < <http://caruarucultural.blogspot.com.br/2012/06/estacao-ferroviaria.html> > acesso 21 de novembro de 2017.

No Jornal *Diário de Pernambuco* no ano de 1903, na edição 289, relata que “a receita do município de Caruaru para o exercício de 1904, é orçada em 51:611\$865” dos quais 3:920\$000 seriam destinados para a iluminação pública da cidade, que era formada por “156 lampeões a Kerozene” esse dinheiro também era para a manutenção dos lampiões.

No início do século XX, os políticos de Caruaru já falavam em mudar a iluminação pública que era feita por lampiões e implantar um sistema de iluminação pública com luz elétrica, mas tudo não passava de especulações.

¹⁹ Jornal Vanguarda edição especial dos 100 anos da chegada do primeiro trem em caruaru de dezembro de 1995.

²⁰ Jornal Vanguarda edição especial dos 120 anos da chegada do trem a Caruaru.

²¹ Idem.

Foto nº 5- Lâmpião elétrico da estação de Caruaru.



(Jornal Vanguarda, ed. especial 1995, p.4)

No final de 1913 na primeira quinzena do Governo do prefeito José Martins de Araújo²² segundo Barbalho (1981,p.63) foi autorizado e assinado “contrato com o empresário recifense João Fontes Braga para a efetivação do serviço de iluminação elétrica da cidade,” mas depois de um tempo o empresário acabou desistindo da empreitada.

Caruaru no ano de 1913, já possuía estabelecimentos comerciais que contavam com a luz elétrica antes mesmo de ser inaugurado o sistema de iluminação pública da cidade, seguindo o mesmo exemplo da cidade de Recife. Esses estabelecimentos recebiam energia elétrica da primeira padaria automática de Caruaru. Padaria essa que pertencia ao senhor Antônio Costa. Segundo Barbalho (1980, p.25)

Fornecia luz elétrica, a preços módicos, entre 18 e 22 horas, a todos os estabelecimentos comerciais situados em seu quarterão, que ia do Beco de Barros Coelho (atual Rua dos expedicionários) ao beco de Domininha (atual travessa 15 de novembro). A novidade era sensacional e dava um aspecto festivo à Rua da Frente, onde a iluminação comum, à noite, bastante precária, era à base de lâmpões de gás ou de óleo de carrapateira.

Em 1914 outros comerciantes também forneciam energia elétrica particular era o caso do comerciante José de Barros Coelho que instalou no seu prédio um motor de 2 HP que conforme Barbalho (1980,p.79) era “suficiente para fornecer

²² José Martins de Araújo foi prefeito da cidade de Caruaru de 1913 até 1916.

energia elétrica para todo o seu estabelecimento.” Outro estabelecimento comercial que fornecia energia elétrica particula era o Cinema Tupy.

Enquanto o sistema de iluminação público a base de energia elétrica não se concretizava de acordo com Barbalho (1980, p. 79) “o prefeito Martins de Araújo ia permitindo que particulares o fizessem de maneira que bem entendessem”.

Nos primeiros meses de 1914 então prefeito de Caruaru José Martins Já cogitava dar um serviço de iluminação elétrica a cidade de Caruaru. Segundo Barbalho (1980,p.77):

Que os poderes públicos municipais estão ultimando o contrato de iluminação elétrica para a cidade, faltando apenas ser ouvido o conselho. Consta-nos ainda que são vantajosas as condições já estipuladas, encarregando-se da instalação do serviço a conhecida firma Pontual & Primo, do Recife.

Em maio de 1914 era assinado um acordo entre o prefeito de Caruaru e a empresa que seria responsável para implantar um serviço de iluminação elétrico em Caruaru. De acordo com Barbalho (1980,p.83) “a escritura de concessão de privilégios por vinte anos, para a iluminação desta cidade pelo excelente processo da eletricidade – sistema de corrente trifásica – com o coronel Pedro Pontual, abastado capitalista do Recife.”

O prefeito José Martins fazia diversos esforços para que Caruaru ainda em 1914 possuísse o sistema de iluminação pública através da luz elétrica, mas com o início da Primeira Guerra Mundial na Eurora, local de onde seriam comprados os materiais elétricos que seriam implantados na cidade de Caruaru, acabou prejudicando a implantação da luz elétrica na cidade. O Brasil ainda não possuía indústrias que produziam materiais elétricos nesse período. Com o conflito o fornecimento desses materiais foram suspensos já que as indústrias europeias estavam voltadas para o fornecimentos de armamentos para guerra. No mercado brasileiro os materiais ficaram escassos e os que tinham no Recife eram negociados a preços exorbitantes.

Nos últimos dias de 1914, o prefeito José Martins foi obrigado a fechar contrato para iluminação pública de Caruaru de 1915, ainda utilizando o velho e obsoleto sistema de lampeões a gás e óleo de carrapateira. Em 1916, Caruaru ainda

estava sendo iluminado pelos velhos e obsoletos lampeões. De acordo com Barbalho (1980,p.193):

Caruaru permanecia com luz elétrica apenas em alguns estabelecimentos particulares (cinemas, padarias de Antônio Costa, mercearia de Manuel Leopoldino, farmácia de Nôzinho, etc.); e a iluminação pública ainda era feita, precariamente, na base dos lampeões a gás, fumacentos e ineficientes, causando péssima impressão ao visitante atraído pela fama da cidade. Havia 200 lampeões espalhados pelas diversas ruas locais, porém, em funcionamento, existiam menos de 150. Todos velhos, sujos, obsoletos.

Mas, o prefeito José Martins no seu mandato não conseguiu implantar o serviços de canalização da água e o sistema de iluminação elétrica em Caruaru. Os dois sistemas eram as principais bandeiras de seu governo. A administração pública do prefeito foi afetado pela Primeira Guerra Mundial, já que grande parte do material era importado da Europa. Caruaru só iria possuir o seu sistema de iluminação pública com o fim da guerra. Essas conquistas materiais só vieram sair do papel no período de governo do Prefeito Cel. João Guilherme Pontes.

2.3. INAUGURAÇÃO DO SISTEMA DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA

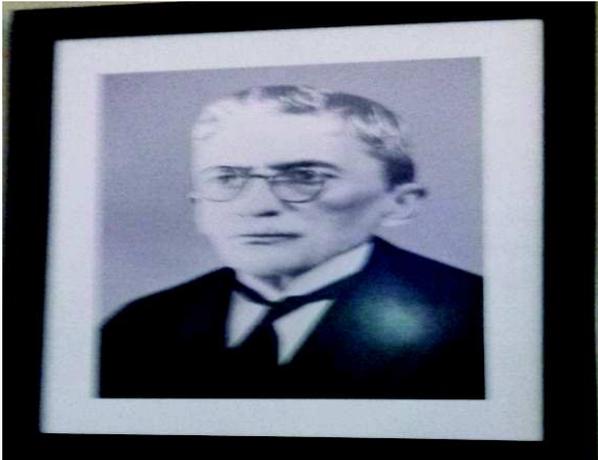
Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o então prefeito de Caruaru poderia da início o processo de implantação da luz elétrica em Caruaru. No ano de 1918, a Câmara Municipal de Caruaru começou com um grande orçamento, atingindo a importância na época de 206:972\$828. Segundo Barbalho (1980,p.59):

No balanço da PMC, dado em 31 de dezembro de 1917, verificava-se a existência de um saldo real, em dinheiro vivo depositado no cofre, de 120:802\$239, quantia que o Cel. João Guilherme de Pontes guardava avaramente, afim de aplicá-la apenas nos dois serviços que considerava prioritário na cidade – o da água encanada e o da luz elétrica.

Vemos que o prefeito Cel. João Guilherme Pontes²³ tinha como prioridade em seu mandato a questões da água encanada e da luz elétrica em Caruaru. Em 1918 segundo Barbalho (1980,p.60) no dia “12 de janeiro, assinava a Lei Municipal nº 138, recindindo anterior contrato firmado com a empresa Pedro Pontual e aprovado novo contrato, agora com a firma Alfredo Silva & Cia., do Recife” que iria de imediato fazer a instalação da luz elétrica da cidade.

²³ Prefeito da cidade de Caruaru no período 1912-1913 e 1916-1919 de forma intendente e em 1938 foi prefeito nomeado.

Foto nº 6- João Guilherme de Pontes.



(museu memorial da cidade de Caruaru)

Nos primeiros dias de 1918 em Caruaru chegava “à estação desta cidade 2 carroções da **Great Western** conduzindo grande parte do material destinado à iluminação elétrica de Caruaru.”²⁴.

Com a assinatura do novo contrato da luz elétrica, de acordo com Barbalho (1980, p.65):

A sensação em toda a cidade, porém, quem a provocava era a empresa Alfredo Silva Cia., do Recife, a qual, por 100 contos de réis, encarregara-se de botar luz elétrica em Caruaru, estava com sua turma de eletricista e ajudantes diversos a cavar buracos por todas as ruas e neles plantar postes de ferro.

A alegria do povo de Caruaru era tanta que conforme Barbalho (1980,p.65) sempre “havia curiosos por perto do serviço de posteação e muita gente se oferecia para ajudar de graça, segurando postes. Erguendo-os, apumando-os com as pontas em direção do Céu” e o trabalho de posteação da cidade “virava uma quase festa, o povo ria feliz da vida.”²⁵ O prefeito Cel. João Guilherme sempre estava visitando as obras diariamente.

Essa novidade que ia ganhando os espaços da cidade deixavam as pessoas felizes o clima era de festa pela nova conquista material que estava sendo implantada na cidade. Conquista essa que era sonho da classe política de Caruaru desde de 1895 data essa que marcou a primeira experiencia com a luz elétrica.

²⁴ Barbalho Opt. cit

²⁵ Idem.

A cidade de Caruaru segundo Barbalho (1980,p.65) “em peso vibrava de contentamento com a novidade, Caruaru ia mesmo ‘virar Capital’, como se dizia à boca pequena.” A felicidade era tamanha que já estavam comparando Caruaru com uma capital, pois nesse período apenas algumas capitais possuíam um sistema de iluminação pública a base de energia elétrica.

A classe política e empresarial de Caruaru sempre lutaram juntas para que a cidade se desenvolvesse e crescesse. Com diz Rezende (1997,p.21) a cidade “é feita de sonhos e de desejos.” Desejos e sonhos de uma classe que se materializavam no espaço físico da cidade. Foi na cidade onde os homens “formularam as suas utopias, fizeram suas apostas na fascinação do futuro.”²⁶

Segundo Barbalho (1980,p.77) a “posteação estava praticamente concluída e que sua USINA estava localizada no fim da Rua Saldanha da Gama, já nas proximidades do paredão.” A usina era responsável pela produção de energia elétrica da cidade.

Nós primeiros dias novembro de 1918 de acordo com Barbalho (1980, p.105):

Sob a direção do eletricista Frederico Gross, realizavam-se todas as noites, experiências com iluminação elétrica nas principais ruas da cidade, provocando na população um estado de euforia simplesmente indescritível. Todo o mundo se entusiasmava com a luz, falava da luz, elogiava a luz. Havia até quem soltasse dúzia de foguetões quando a experiência de Gross era feita em sua rua.

Em alguns jornais como o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Recife*, já era relatado que no dia 24 de outubro de 1918 seria inaugurado o sistema de iluminação pública na cidade de Caruaru. Entre as edições do jornal *Diário de Pernambuco* que noticiava a inauguração era a edições 320, 322 e 324. Já entre as edições do *Jornal do Recife* estão as edições 324 e 325.²⁷

A inauguração da luz elétrica em Caruaru ocorreu no dia 24 de novembro de 1918. Barbalho (198,p.108, grifo do autor) relata que:

A cidade estava em festa, com a inauguração oficial e solene do seu serviço de iluminação pública à base de eletricidade, aspiração popular surgida em

²⁶ Idem.

²⁷ Edições do *Jornal do Recife* e *Diário de Pernambuco* utilizados nesse trabalho.

Caruaru desde 2 de dezembro de 1895, quando, pela primeira vez na **Terra de Pedro Faz de tudo**, acenderam-se lâmpadas elétricas em torno da estação ferroviária local.

O *Jornal do Recife* relata esse acontecimento da inauguração da luz elétrica em Caruaru na edição 326 no ano 1918. No início da reportagem relata que “Caruarú, prospera e pitoresca cidade do sertão, esta dotada de iluminação electrica.”²⁸ E esse “importante acontecimento para a hospitaleira cidade serrana é devida aos seus poderes municipaes.”²⁹

Para a inauguração foram convidados “as altas autoridades, diversas outras pessoas e imprensa.” Uma parte dos convidados que vieram para solenidade de inauguração saíram da cidade do Recife de trem da estação central no domingo as 6:30 da manhã. A viagem até Caruaru “foi excellente, tendo todos os itinerantes os melhores deleites.”³⁰ Mas a “despeito do calor e da poeira que augmentava a proporção que o dia avançava, chegou-se ao ponto do destino, na hora exacta, com satisfação collectiva.”³¹ Segundo Barbalho (1980, p.108. grifo do autor)

Para as solenidades inaugurais da luz de Caruaru vinham o dr. Xavier Sobrinho, representante do governo do estado; cel. Francisco Galvão, sócio da empresa Alfredo Silva & Cia., responsável pela implantação dos serviços de iluminação elétrica na cidade; Capitão Buarque Barbosa Lima, representante do general-inspetor da 2ª. Região militar; dr. Apulcro de Assunção, representante do chefe de polícia; tenente João Olímpio, representante do comandante do regimento de polícia do estado; dr. Alberto Pais Barreto, prefeito de Jaboatão; e representantes de **Província, Jornal Pequeno, A Ordem, A Gazeta e Jornal do Recife**, folhas da Capital.

Também estava presente na inauguração representantes de jornais da cidade como o *Cinco de novembro, O Caruaruense e o União*.

Na estação de Caruaru uma grande massa da população aguardava a chegada dos convidados que vinham da capital do estado. A banda musical Nova Euterpe também estava presente na estação para receber os convidados com música. A cidade “apresentava um caracter festivo, toda exultante de entusiasmo.”³²

²⁸ Jornal do Recife, ed.326,p.2,1918.

²⁹ Idem

³⁰ Jornal do Recife, ed.326,p.2,1918.

³¹ Idem

³² Idem.

Às 14 horas foi oferecido a imprensa um almoço na residência do Prefeito João Guilherme, almoço esse que ocorreu na “maior cordialidade e dominada pela gentileza dos offerendantes.”³³

Às 16 horas ocorreu o acontecimento mais esperado do dia a inauguração da luz elétrica. Depois que o padre “Luiz Gonzaga, paroco de Caruarú, benzeu a uzina, com todos os rytos, foi o motor posto em movimento, illuminando-se toda a cidade”.³⁴ Segundo Barbalho (1980,p.108) o representante do governo do estado o “dr. Xavier Sobrinho ligava a chave de distribuição da energia elétrica, projetando luz em todas as ruas centrais da cidade”.

Barbalho (1980, p.108) relata que foi “deslumbrante a iluminação da igreja-matriz e da capela de N. S. da Conceição, que nessa ocasião se encheram de fiéis, repicando os sinos em sinal de contentamento”. Pela primeira vez a fachada da capela de N. S. da Conceição era iluminada pela luz elétrica.

Depois do ato de acordo com o Jornal do Recife (ed.326,1918):

Recebida a luz debaixo de estrondoso salva de palmas pela multidão que se acotevellada no interior e exterior do edificio, usou da palavra o dr. Leovigildo Junior, promotor publico d’ali saudando o coronel João Guilherme, prefeito municipal. Em seguida foi servida “champagne” profusamente.

Depois ás 19 horas “realizou-se um banquete no edificio do paço municipal, tendo corrido na maior ordem.”³⁵ A mesa do banquete era composta por oitenta pessoas. Quem presidiu o banquete foi o representante do governo do estado o dr. Xavier Sobrinho. Depois do banquete segundo Barbalho (1980, p.108) “No paço municipal, quando, “au dessert”, discursava o dr. Jônatas Costa, como orador oficial de Caruaru, saudando o governador (ausente) Manuel Borba.” Depois em agradecimento foi a vez do dr. Xavier Sobrinho “erguer a taça em honra ao coronel João Guilherme.”

Estavam presentes no banquete “todas as autoridades e typos representativos da sociedade caruaruense entre os quaes o dr. Motta Junior, Juiz de

³³ Jornal do Recife, ed.326,p.2,1918.

³⁴ Idem.

³⁵ Jornal do Recife, ed.326,p.2,1918.

direito como também a imprensa pelos seus representantes.”³⁶ Logo depois “teve lugar o baile anunciado, em outro salão do paço municipal.”³⁷ Esse baile se prolongou até as 13 horas com muito brilhantismo. Às pessoas que vieram do Recife, para prestigiar a inauguração da iluminação elétrica em Caruaru, regressaram para o Recife no trem que saiu de Caruaru às 10 horas e 20 minutos.

A energia que ia abastecer a cidade de Caruaru seria fornecida por uma usina. De acordo com o *Jornal do Recife* (ed.326,p.2,1918)

O predio onde funcionava a usina mandada construir especialmente para esse fim pelo coronel João Guilherme, ficando assim o município enriquecido com mais um próprio avaliado em vinte contos de réis. A instalação foi contractada, segundo nos consta, por 120.000\$000 réis fora os postes para distribuição da rede aérea e a base do motor, cujas despesas correram ainda por conta do município.

Conforme a matéria do *Jornal do Recife* (ed.326,p.2,1918) a usina era composta por:

Um motor typo diesel, 3 cylindros, desenvolvendo 375 rotações por minuto, em marcha continua, potencia norma de 125 H. P. (cavallos) effectivos. Este motor é construído para combustão de oleos mineraes brutos e seus residuos, O combustivel econômico por excellencia. O motor está ligado a um gerador de corrente alternada, 50 cyclos, 220 volts, 260 ampers.

A cidade de Caruaru possuía uma rede pública composta por “300 lampadas de 100 e.p. typo 1/2 watt, montadas em postes de ferro, com armaduras resistentes ao tempo.”³⁸ De acordo com Barbalho (1980, p.109, grifo do autor) “a rede é espalhada por todo o perímetro urbano da cidade, inclusive na ladeira central do monte, tendo sido colocada no alto da torre da capela (**do Bom Jesus**) uma lâmpada de 500 velas, que, sendo avistada a grande distância, servirá como que de farol.”

Conforme a matéria do *Jornal de Recife* “o consume de energia de iluminação publica, um terço da potencia do gerador, o município fornece também

³⁶ *Jornal do Recife*, ed.326,p.2,1918.

³⁷ *Idem*

³⁸ *Jornal do Recife*, ed.326,p.2,1918.

iluminação particular, já havendo perto de 100 casas com instalações”.³⁹ Essas instalações eram consideradas uma das melhores do interior do estado.

O projeto da usina ficou com o engenheiro suíço Frederico Gross que era “chefe dos serviços de eletricidade e montagem da casa Alfredo Silva & C., auxiliado pelos electricistas Caudinor Porto, Antonino, de Carvalho e Alfeu Silva”.⁴⁰ O mais provável era que o Frederico Gross ficasse encarregado do controle e da manutenção diária do sistema de iluminação elétrico de Caruaru, mas conforme Barbalho (1980, p.109, grifo do autor) relata que:

Tudo ficava às ordens e às improvisações de um curioso apelidado de **Chico da luz** acerca do qual opinava o coronel dono do município: “Chico da luz é muito mais hábil que muito técnico que anda por aí! Com Chico da Luz no motor da usina, não há perigo de pane na luz de Caruaru!” Os fatos iriam provar exatamente o contrário disso. Des-gra-ça-da-men-te.

O fornecimento da luz elétrica em Caruaru era apenas de quatro horas, que ia das 18 até às 22 horas da noite. Muitos eram os apelos feitos ao prefeito no sentido de que a luz ficasse ligada até a meia-noite, mas o prefeito não atendia a ninguém e segundo Barbalho (1980, p.121) falava que “luz é luxo e luxo quem pode manter é rico. Caruaru é cidade pobre, não pode ter luxo. A luz só vai até dez da noite; e quem estiver achando ruim, mude-se de Caruaru!”

Infelizmente não encontramos nenhuma foto relacionada a inauguração do sistema de iluminação pública a base de energia elétrica de Caruaru. Isso ocorre porque os arquivos públicos da cidade possuem deficiência arquivistas.

Se observamos a fotografia logo abaixo vamos perceber lá no fundo a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Ao entorno da igreja surgiu a cidade de Caruaru. Nessa rua se concentrava diversas casas comerciais. Através da fotografia percebemos a ausência de luz elétrica, de fiação e postes presente na principal rua de Caruaru em 1905. Nesse período Caruaru ainda era iluminado a luz de lâmpões.

³⁹ Jornal do Recife, ed.326,p.2,1918.

⁴⁰ Idem

Foto N° 7- Antiga Rua da Frente e atual Praça Cel. João Guilherme em 1905.



(Memorial da cidade de Caruaru)

Na fotografia logo abaixo a Avenida Rio Branco em 1920, uma das principais avenidas da cidade, já observamos a existência de fiação, postes e lâmpadas que serviam para iluminação da avenida. Através da fotografia podemos observar que uma parte da avenida já possuía calçamento a pesar de não estar presente por toda a avenida. Outro ponto que podemos observar na fotografia é a presença de avenidas largas na cidade, outra marca que demonstra que a cidade queria ao máximo introduzir elementos físicos que eram presentes nas grandes metrópoles.

Foto N° 8- Avenida Rio Branco em 1920



(Exposição sobre a cidade de Caruaru dia 14/06/2017)

2.4. MODERNA E TRADICIONAL

O município de Caruaru em 1918 contava aproximadamente com 60 mil habitantes, mas na cidade só habitava 18 mil pessoas. A Cidade estava em clima de festa pois já possuía o seu sistema de iluminação pública a base de energia elétrica. Mesmo a iluminação elétrica estando presente em todo perímetro urbano da cidade através dos postes de ferro implantados por todas as ruas, a energia elétrica não estava presente em todos os lares dos caruaruenses. Barbalho (1980, P.161) relata que “Caruaru, uma cidade com mais de 2.500 casas até agora, só tem ligada à rede aérea da usina elétrica cento e oitenta e oito (188) instalações particulares.”

Se observarmos os dados fornecidos por Barbalho vamos perceber que uma pequena parcela da população caruaruense possuía luz elétrica presentes em suas próprias casas ou em estabelecimentos comerciais. Em apenas 7.5% das casas ou estabelecimentos comerciais possuía luz elétrica. Apesar da população caruaruense está eufórico com essa conquista material, e que aos poucos iria mudar os hábitos da sociedade caruaruense, essa conquista iria demorar a penetrar na vida cotidiana das famílias caruaruense mais humildes.

Um dos fatores que pode ter contribuído para que poucas pessoas de possuir energia elétrica em suas casas era o preço cobrado pela utilização da energia. De acordo com Barbalho (1980, p.77, grifo do autor):

Inicialmente, os preços cobrados pela PMC para o fornecimento de energia elétrica seriam os seguintes: 80 réis mensais, por vela, em casas residenciais, templos religiosos, escolas particulares, etc.; 60 réis mensais, por vela, para estabelecimentos comerciais; e “instalação com **marcador**” - taxa fixa de 8\$000 e mais \$700 por KWH pelo que exceder de 10 KWHs.

Se observarmos os dados oferecidos por Barbalho sobre a cidade vamos ver que a energia elétrica era mais cara para as residências dos caruaruenses do que para estabelecimentos comerciais presentes na cidade. Com preços altos cobrados pela prefeitura municipal pode ter contribuído pela pouca adesão por parte da população em possuir a energia elétrica em suas casas ou porque provavelmente grande parte da população caruaruense nessa época era de baixa renda.

Os dados fornecidos por Barbalho sobre o preço da luz cobrado pela prefeitura aos comerciantes que de certa forma eram menores que os preços

cobrados à população em geral, podemos supor que a prefeitura poderia estar tentando atrair mais comerciantes ou até mesmo indústrias para a cidade Caruaru. Hoje em dia é muito comum indústrias receber incentivos dos governos federais, estaduais e até municipais para se instalar em determinadas cidades.

2.5 MUDANÇAS DE RITMO DA POPULAÇÃO CARUARUENSE

Antes mesmo da inauguração da iluminação pública a base de luz elétrica alguns estabelecimentos comerciais de Caruaru já utilizavam e distribuíam energia elétrica para outros estabelecimentos como já foi dito. E isso de certa forma mudou ritmos das atividades humanas na cidade.

O ritmo das atividades humanas com a introdução da luz elétrica mudou, segundo Aranha (2005, p.123) antes “as jornadas de trabalho, a exemplo da jornada do artesão ou das atividades em certas instituições coletivas (conventos, colégios, hospitais, etc), ocorrem do amanhecer até a hora do crepuscular.” Com a implantação da luz elétrica a noite se tornou um prolongamento do dia e com isso diversos locais passaram a ficar aberto até certas horas da noite como o comércio.

Um ponto comercial de Caruaru que ficava aberto até certa hora da noite era a Farmácia Francesa que pertencia ao Major Sinval. Com a suspensão das sessões do Cinema Palace em 1913 a farmácia conforme Barbalho (1980, p. 33) virou “ponto de atração noturna de Caruaru” voltava a ser o chamado “plantão da inteligência” da farmácia francesa do Major Sinval onde algumas pessoas importantes da cidade conversavam e discutiam política e os outros problemas que a sociedade caruaruense estava enfrentando.

A implantação da luz elétrica contribuiu também para prevenção de incêndios em ambientes comerciais aonde a luz era feita através de lampiões a querosene. Um exemplo é o caso do senhor Domingos Griza aonde “teve sua loja totalmente consumida por um incêndio, isto “devido à explosão de Kerosene”⁴¹ levando-o a perder, em poucas horas, “todo o fructo de seu trabalho”. Essa tragédia serviu de exemplos para os comerciantes da região que insistiam em manter seu comércio aberto pela noite.

⁴¹ Aranha opt. Cit.

Com a implantação da luz elétrica segundo Aranha (2005, p.123) “contribuiu não só para adoção de novos ritmos do trabalho, em especial os ligados à atividade industrial, como também para os chamados ‘ritmos lúdicos’.”

Ambientes que eram iluminados por luz elétrica geralmente eram frequentados pela noite. Em 1913 era inaugurado no mês de junho outro Cinema em Caruaru. Todas as noites quando tinha sessão o Cinema Tupy ficava lotado, ou seja, a sociedade caruaruense estava aproveitando os benefícios que a luz elétrica estava trazendo para cidade. O cinema era o único divertimento que a cidade possuía nesse período.

Também teve mudança na festa de natal e na virada do ano em Caruaru depois da implantação da luz elétrica. No final de 1918 a população caruaruense ainda estava em estado de empolgação com a implantação da luz elétrica na cidade e já se preparava para os festejos de final de ano. Foi a primeira vez na história de Caruaru que segundo Barbalho (1980, p. 113) a “fachada da capela de N. S. da Conceição seria profusamente iluminada à base de eletricidade, emprestando um novo aspecto ao Natal do município.”

Já na virada do ano de 1918 para o ano de 1919 segundo Barbalho (1980, p.140) “às 23 horas de 31 de dezembro já era incalculável a multidão que se apinhava no pátio da festa, aguardando as solenidades relativas à passagem do ano.” Por volta das 23 e 55 “havia uma salva de clarins, seguindo do desligamento da chave geral da iluminação elétrica da cidade.”⁴² Quando chegou “à meia-noite em ponto, o religamento da luz, maravilha que acontecia pela primeira vez em Caruaru numa passagem de ano”.⁴³

O povo estava tão emocionado e encantado com a luz que “chegava a chorar emoção quando as luzes reapareciam e a igreja da conceição, pela primeira vez em sua história, [...], assinalando uma nova fase na vida social de Caruaru”.⁴⁴

⁴² Idem.

⁴³ idem

⁴⁴ Idem.

Menos de um mês da inauguração da luz elétrica em Caruaru e o povo ainda estava em estado de euforia e emoção por causa da luz elétrica. Luz essa que mudaria o cotidiano e a vidas das pessoas. Luz elétrica já fazia parte das noites em Caruaru presentes em ambientes de comercio, em ambientes de diversão e até mesmo nas festas e comemorações da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato e a introdução do moderno na cidade de Caruaru seguiu um ritmo lento obedecendo características de cidade nortista, ritmo esse diferentes das grandes cidades europeias. Mesmo com um ritmo lento essas conquistas materiais transformaram o espaço físico da cidade e trouxeram diversas mudanças econômicas, sociais e culturais.

O primeiro contato da população com a luz elétrica ocorreu com a chegada do primeiro trem a cidade. A cidade em festa com a chegada do trem ficou surpresa com outra novidade a luz elétrica. Mas a novidade ficou restrita apenas a estação de trem e o seu entorno.

Em 1913 alguns estabelecimentos comerciais de Caruaru já possuíam e distribuíam energia elétrica para algumas casas e outros estabelecimentos comerciais que não possuíam motores geradores de energia, mais isso se restringia apenas a rua principal.

Com a inauguração da iluminação pública da cidade em 1918, todo perímetro urbano da cidade a iluminação seria feito por lâmpadas elétricas. A iluminação pública correspondia 1/3 da potência do motor, o restante seria para fornecimento de energia elétrica para casas e estabelecimentos comerciais. Mas no início apenas as pessoas mais ricas da cidade possuíam energia elétrica em seus lares. A luz elétrica demorou mais para entrar nos lares dos caruaruenses mais humildes.

Com a implantação da luz elétrica na cidade trouxe mudanças no cotidiano dos caruaruenses. Pontos comerciais que possuíam luz elétrica serviam de ponto encontro para as pessoas jogarem conversa fora ou debater sobre política. Também proporcionou prolongamento do dia para o comércio já que poderia ficar aberto até mais tarde. A implantação da luz elétrica em pontos comerciais também ajudou na prevenção contra incêndios nesses locais.

A luz também contribuiu para os “ritmos lúdicos”. Um exemplo disso era o cinema que a cidade tinha onde população sempre lotava as sessões aproveitando

os benefícios que a energia elétrica proporcionava. A luz elétrica também mudou a comemoração da virada de ano na cidade.

Com o crescimento da cidade a usina encarregada de fornecer energia elétrica não tinha condições de fornecer energia para todos os lares e indústrias da cidade. Essa situação só mudou com a chegada da energia fornecida pela hidrelétrica de Paulo Afonso na segunda metade da década de 1950. Isso acabou prejudicando o crescimento industrial da cidade, do estado e da região Nordeste, já que a produção de energia era feita por termoelétricas como era o caso do Recife ou por motores como era o caso de Caruaru e cidades do interior do estado antes da energia fornecida pela hidrelétrica de Paulo Afonso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS:

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In **A Paraíba no Império e na República**; estudo da história social e cultural – 2ed. João Pessoa: ideia, 2005.

BARBALHO, Nelson. **Caruaru de Vila a Cidade**. Recife: CEPE, 1980.

BARBALHO, Nelson. **Caruaru do Major José Martins**: visão histórica e social 1913 a 1916. Recife: CEPE, 1981.

BARBALHO, Nelson. **Caruaru de Henrique Pinto**: visão histórica e social 1917 a 1920. Recife: CEPE, 1981.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: A aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann Tropical**: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentos e Informação Cultural, Divisão editoração, 1992.

BRESCIANE, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX**: O espetáculo da pobreza. São Paulo. Editora brasiliense, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

FERREIRA, Lohanne F. G., GODOY, Karla Estelita. **Cadernos de Geografia, nº35**. Paisagem guiada: representações imagéticas das favelas nos guias visuais do turismo. Coimbra: Ed. Universidade de Coimbra, 2016.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização urbana na Belle époque paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio d Janeiro, 1958, 18 V.

MAGALHÃES, Gildo. **Força e Luz**: Eletricidade e Modernidade na República Velha. São Paulo: editora UNESP: FAPESP, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3º ed. Editora autêntico, 2006.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos do moderno**: História da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.

REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife nos Anos Vinte**: As Imagens e Vestígios do Moderno e os Tempos Históricos. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/politicaetrabalho/arquivos/.../artigo_09.pdf. p. 129 - 139, 2003. Acesso em 20 de outubro de 2017.

Portal Eletrônico:

Portal da prefeitura Municipal de Caruaru: Sobre Caruaru. Disponível em:< <https://www.caruaru.pe.gov.br/sobre-caruaru> >. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Portal da Companhia energética de Pernambuco (CELPE): Energia em Pernambuco. Disponível em: < <http://www.celpe.com.br/Documents/a-celpe/historia/A%20HISTÓRIA%20DA%20ENERGIA%20ELÉTRICA%20EM%20PERNAMBUCO.pdf> >. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

Periódicos:

Jornal Diário de Pernambuco 1918,

Jornal do Recife 1918,

Jornal Vanguarda 1995 e 2015.